



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana  
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo  
ISSN 1809 - 709 X

**O eu soberano: Ensaios sobre as derivas identitárias**

**The sovereign self: Pitfalls of identity politics**

**Soi-même comme un roi : Essai sur les dérives identitaires**

**Jéssica Samantha Lira da Costa**

Orcid: [0000-0002-9030-8046](https://orcid.org/0000-0002-9030-8046)

Psicanalista

Doutora em Psicanálise – teoria e clínica, pela Universidade Federal do Pará / UFPA (Pará, Brasil)  
Doutorado Sanduíche no programa de Psychanalyse et Psychopathologie da Université de Paris VII (Paris, França)  
Professora da Faculdade Estácio de Belém (Pará, Brasil)  
Diretora do Centro de Estudos Freudianos de Belém (Pará, Brasil)  
E-mail: [jessica.s.lira@hotmail.com](mailto:jessica.s.lira@hotmail.com)

**Resenha do livro:**

Roudinesco, E. (2022). O eu soberano: ensaios sobre as derivas identitárias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Elisabeth Roudinesco não é nenhuma neófito no campo psicanalítico. Dona de uma robusta produção acadêmica e ensaística, a autora da magnânima obra *História da Psicanálise na França* apresenta-nos seu mais recente trabalho *O eu soberano: ensaios sobre as derivas identitárias*, que, já no seu prelo, antes mesmo do lançamento oficial, já estava deixando determinados sujeitos enfezados quando descobriram qual temática seria abordada pela autora francesa. O livro em questão demonstrou um fenômeno interessante e que, justamente pela recepção de uma ala da *intelligentsia* acadêmica (e identitária!), demonstrou que a leitura (e, por que não, denúncia) principal da autora estava mais que correta: trata-se de grupos autoritários e que querem reinar “eles mesmos como reis”.

A autora que aqui resenharemos, através do trabalho supracitado, é uma historiadora, psicanalista, professora universitária emérita e uma das maiores conhecedoras da teoria psicanalítica do mundo. Entre os seus trabalhos, podemos citar alguns principais e de uma envergadura intelectual sem precedentes: *História da psicanálise na França*, volumes I e II, de 1986; *Dicionário de Psicanálise* (juntamente com Michael Plon, de 1998); *Dicionário amoroso da Psicanálise*, de 2019; *Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo*, de 2015; *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*, de 2008; *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*, de 2008; *Freud – mas por que tanto ódio?*, de 2011; *Em defesa da psicanálise: ensaios e entrevistas*, de 2009. Esses são alguns dos importantes e conhecidos trabalhos da autora, que são traduzidos para mais de 20 países, aliás.

O argumento central da autora se envereda pelo entendimento de que o identitarismo é autoritário e segregatório, premissa esta que acompanho em compreensão e, ainda adiciono que,

além de segregatórios e autoritários, os movimentos coletivistas são responsáveis pelo aviltamento da teoria e técnica psicanalítica, principalmente quando tentam enclausurar o inconsciente no corpo encarnado. Afinal, com discursos que afirmam e acentuam a necessidade (no entendimento delirante de alguns) de nos fecharmos em pares idênticos (negros só podem ser atendidos por analistas negros, porque somente um analista negro entenderá a problemática daquele paciente em questão. Homossexuais só podem ser atendidos por homossexuais; somente mulheres podem produzir falas sobre questões que envolvem aborto, e tantos outros horripilantes e bizarros entendimentos rasos e tendenciosos), vamos – a passos largos – aniquilando a ferramenta maior da psicanálise: o sujeito, a linguagem, a subjetividade, o inconsciente, o desejo.

Roudinesco costuma dizer, em inúmeras entrevistas e ensaios, que a psicanálise só sobrevive e sobreviveu em países que são democráticos e que possuem um Estado Democrático de Direito em plena ascensão. Como fazer com que a psicanálise continue sobrevivendo em meios que a cada dia mais tentam calar e cercear a alteridade e o inconsciente. Justamente por esses motivos foi que Roudinesco entendeu a emergência de denunciar o que vem acontecendo, sobretudo no meio acadêmico, em relação à psicanálise. Claro, para isso a autora precisou lidar, mais uma vez, com aquilo que já estava deveras acostumada: o ódio de uma claqué acéfala e que só consegue enxergar e ouvir o que a própria bÍlis vocifera. Se Roudinesco escreveu um livro cujo título (brilhante) é: Freud – *pourquoi tant de haine?* (Freud: mas por que tanto ódio), creio que possamos transformar o sujeito do título e enquadrar a própria Roudinesco agora, logo, ficaria: "Roudinesco – mas por que tanto ódio?". Bem, a resposta se dará a seguir!

O livro é dividido da seguinte maneira: seis capítulos, sendo que cada um deles tem suas próprias subdivisões. No primeiro capítulo, intitulado *A designação identitária*, que acertadamente fora escolhido para abrir as discussões, tornando o capítulo princeps do livro, a autora faz um paralelo histórico, mostrando que há uma espécie de *cultura do narcisismo* (a autora cita diretamente o clássico do também historiador Christopher Lasch), pois há uma insuflação de si mesmo, desconsiderando questões de *alteritas*. Com efeito, o primeiro capítulo introduz o tom e os pontos que serão pormenorizados ao longo de todo o trabalho.

O segundo capítulo – intitulado *A galáxia do gênero* –, que é o mais robusto e o mais acurado do livro, é uma exposição do processo que a autora intitula de generificação, que seria uma espécie de ação que atribui gênero identitário a tudo e a todos e que só podemos nos relacionar a partir de tal premissa. A autora demonstra que a discussão ultrapassou tanto o tom do racional, que almeja até mesmo destituir o estatuto do sexual, em detrimento do gênero. Impõe-se uma nova norma na atualidade:

pois o adjetivo 'generificado' substitui cada vez mais o adjetivo 'sexuado' nos discursos cotidianos de jornalistas, políticos e até juristas. Pode-se dizer que mais uma vez o sexual, a sexualidade, o sexuado, em suma, tudo aquilo que é ligado ao sexo foi banido em favor de um

puritanismo que não quer mais ouvir falar de sexualidade, sob pretexto de que a palavra remeteria a uma escandalosa biologia da dominação masculina, o que, no entanto, não é o caso (Roudinesco, 2022, p. 38).

Roudinesco é enfática e indubitavelmente enérgica ao demonstrar que o que está em jogo em meio a toda essa celeuma: uma exacerbação sentimentalista e ressentida de um grupelho específico e que quer reescrever a história, inclusive e sobretudo da psicanálise, simplesmente para que aplane o ego deles. Como assim? Deixemos a própria autora explicar: "(...) passa-se, sem nem perceber, da civilização à barbárie, do trágico ao cômico, da inteligência à tolice, da vida ao nada e de uma crítica legítima das normalidades sociais à recondução de um sistema totalizante" (Roudinesco, 2022, p. 69). Roudinesco não deixa dúvidas a respeito dos riscos de nós – psicanalistas – comprarmos, de maneira completamente irreflexiva, os discursos políticos identitários, com a desculpa de que estamos apenas sendo "inclusivos", o que, na verdade, é justamente o oposto.

Muda-se de postura por um sentimentalismo irrefreável e pela cultura de medo de possivelmente ofender quem quer que seja, ainda que essa não seja a sua intenção. Se adentrarmos nesse meandro, teremos uma tarefa completamente ingrata. Afinal, desde que notaram que se sentir ofendido conferiu-lhes poder (inclusive monetário, devido ao processo constante de judicialização da vida), todo mundo passou a se sentir completamente ofendido.

Roudinesco não tem medo de jogar luz em uma discussão que apresentava-se hegemônica: a autora faz questão de questionar princípios básicos e que beiram a um processo de psicotização coletiva, como por exemplo: como assim crianças, de qualquer idade, podem assentir ou não com mudanças permanentes em seus corpos e com a indução de bombas e bombas de hormônios para que comecem um processo de transição de gênero? Como pode uma criança decidir que, como qualquer ser humano sabe, tem o imaginário super elevado e bem povoado, pode – por uma suposta identificação – começar a ser estruturalmente modificado pelo aparato médico e social? O que estão fazendo com as crianças? Roudinesco faz questão de questionar o óbvio! Vejam como a autora faz questão de expor a patente contradição:

(...) não vemos como se pode afirmar – corretamente – que uma criança de menos de quinze anos nunca é parte consentidora numa relação sexual com um adulto, mas considerar, por outro lado, que ela seria suficientemente madura – ou seja, consentidora – para resolver por si mesma realizar tal "transição" (Roudinesco, 2022, p. 54).

Para além de todos esses absurdos que estão sendo midiaticizados, relativizados e naturalizados, Roudinesco faz questão de escancarar o que vem acontecendo dentro dos meios acadêmicos, ou seja, a maneira como qualquer um que se oponha a essa histeria (ou seria psicose?) coletiva logo é acusado de ser "transfóbico". A autora povoa seu livro com inúmeros casos de

renomados professores e intelectuais que foram silenciados após realizarem reprovações perante o que vinha acontecendo e que tiveram suas carreiras arrasadas por conta daqueles verdadeiros intolerantes que não suportam o debate limpo e justo. Curiosamente, foi o que aconteceu com a própria Elisabeth Roudinesco após o lançamento de seu livro. Tentou-se realizar um assassinato de reputação da autora, pelo simples fato dela questionar o que – para o grupelho radical – é inquestionável.

No capítulo seguinte, intitulado *Desconstruir a raça*, a autora fará um passeio por alguns teóricos que encabeçam as discussões entre raça e psicanálise, mas afincará o seu olhar nas teorias de Frantz Fanon. É um momento que a autora mostrará a sua plasticidade temática dentro do âmbito psicanalítico, tendo em vista que as questões aqui trabalhadas são reclusas, por vezes, de um *especialismo* sem conexões com temas deveras conhecidos. Todavia, a autora que, além de psicanalista, é historiadora, demonstra o conhecimento acurado que possui em ampla bibliografia a respeito da temática das raças, não restringindo-se às questões que versam sobre a realidade do movimento negro e suas interseções com a psicanálise.

No quarto capítulo – *Pós-colonialidades* – a autora demonstrará que a maior justificativa para muitos dos olhares defeituosos que determinados grupos identitários possuem se dá através daquilo que eles imaginam significar o conceito de Jacques Derrida de “desconstrução”. Digo “imaginam significar”, porque Roudinesco afirma que a maioria deles – agentes dos grupos coletivistas identitários – não faz nem ideia a respeito da real significação do conceito derridiano. A ponto de perverter o real sentido do conceito de Derrida, subvertendo e utilizando de maneira completamente equivocada:

inventado em 1967, o termo “desconstrução”, muito mal compreendido por um bom número de comentadores, remetia, em sua primeira definição, a um trabalho de crítica e descentralização: um trabalho do pensamento inconsciente (“isso se desconstrói”) que *consistia em desfazer, sem jamais destruir*, um sistema de pensamento hegemônico (Roudinesco, 2022, p. 125, grifo nosso).

No quinto capítulo, intitulado *O labirinto da interseccionalidade*, a autora fará incursões a respeito dos perigos da censura, sobretudo no campo da linguagem, demonstrando que ninguém aniquila nenhuma ação por meio da censura, da cultura do cancelamento, do silenciamento e apagamento da história, da literatura, dos clássicos. A autora afirma – categoricamente – que existe uma espiral sem fim que as pessoas (principalmente os agentes ativos das censuras, da cultura do cancelamento) não se dão conta, afinal, quanto mais você tentar impulsionar apenas que as suas questões, mazelas, sentimentos prevaleçam, mais isso se tornará uma *espiral sem fim de um eu soberano*, pois sempre haverá alguém que acreditará que sofre mais que você. Logo, aonde iremos chegar com esse estado de afetação? Diz-nos Roudinesco (2022):

É em nome da prática da denúncia e do cancelamento que coletivos em fúria atacam atualmente as estátuas, os edifícios do tempo passado, as exposições de arte e as celebridades, à caça do culpado ideal, prontos a denunciar com o mesmo vigor os antigos escravistas e seus inimigos jurados. Eles atacam tanto os criminosos estupradores e predadores quanto os homens suspeitos de assédio. E assim, também, alimentam o ódio de uns contra os outros: os gays contra as lésbicas e vice-versa; os brancos contra os negros, uns e outros assimiladores a 'antirracistas-racistas'; os judeus contra os árabes e vice-versa, uns designados como racistas e islamofóbicos, os outros como antisemitas, islamistas ou antissionistas etc. Fanon e muitos outros desmontaram essa espiral diabólica do eu soberano contra o outro, de modo mais que suficiente para que não percam mais tempo com isso. (p. 211).

Por fim, no último capítulo – *Grandes substituições* – encontramos o desfecho de toda a denúncia que fora empregada pela autora desde o início, Roudinesco finaliza a discussão que corajosamente levantou (Bravo!) delineando da seguinte maneira: quando estica-se muito a corda de um lado, o outro lado fará questão de puxá-la também e aí, nesse momento, teremos os extremos alimentando-se e retroalimentando-se: extremas esquerdas, extremas direitas, extremistas radicais de movimentos coletivos *versus* aqueles que desacreditam lutas justas, enfim... temos uma infinita possibilidade de caos e barbárie quando os extremos tomam conta do cenário. No final das contas, a denúncia impetrada pela Roudinesco a respeito das derivas identitárias demonstra que devemos estar atentos ao movimento da contrarresposta, ou seja, no horror da alteridade, do outro, da diferença, que ocasiona todo esse extremismo que estamos nos deparando desde o início:

Quando se trata de derivas de gênero, oriundas da reversão de um movimento de emancipação em seu contrário, convém, no quadro do estado de direito, que lhes seja imposta um limite severo, simplesmente porque a lei não poderia ser a tradução do direito expresso do sujeito, qualquer que seja o motivo invocado: o sofrimento, por exemplo, quando tem como causa uma relação deficiente ou delirante consigo mesmo. O papel do Estado é proteger os cidadãos de todas as discriminações, inclusive aquelas que resultam de uma vontade de fazer mal a si mesmos (Roudinesco, 2022, p. 256).

Após a apresentação que aqui circunscrevo a respeito do último livro publicado da psicanalista e historiadora francesa Elisabeth Roudinesco, podemos arguir: qual a verdadeira necessidade de sua existência em âmbito psicanalítico? Uma resposta aos desmandos de um identitarismo pernicioso e que aniquila o discurso psicanalítico, porque – a bem da verdade – ele aniquilará a própria civilização. Essas são as consequências de um identitarismo radical, ele ensimesma os sujeitos, fazendo com que eles se tornem impenetráveis e, com isso, percam a

capacidade de se subjetivar. Acabam por se tornar todos indivíduos. As diferenças são fundamentais para o nosso processo de constituição, assim, Roudinesco, a esse respeito, afirma: "De perto e de longe, esta é a lei da própria humanidade. Se todo mundo se parece, a humanidade dissolve-se do nada, se cada um deixa de respeitar a alteridade do outro, afirmando sua diferença identitária, a humanidade mergulha no ódio perpétuo ao outro" (Roudinesco, 2022, p. 74). Afinal, como Lopes (2018, p. 172), ao resenhar outro clássico da Roudinesco - *Por que a psicanálise*, de 2000 -, já havia dito e notado: "(...) A alma não é uma coisa. Em seu núcleo estão o inconsciente, a morte e a sexualidade."

Se houve um movimento radical que se levantou a respeito da *infame generificação* com a qual nos debatemos na atualidade, outro movimento, só que dessa vez, lúcido, também se ergueu para fazer frente ao anterior e para proteger também a psicanálise, mas sobretudo os sujeitos que seriam/são vítimas (principalmente as crianças) desse processo de forclusão da castração que nos deparamos na sociedade contemporânea. Roudinesco, com a publicação desse seu manifesto, não está sozinha. Ao seu lado e compactuando do mesmo olhar sereno da autora, temos nomes (importantes!) como: Charles Melman, Daniel Zagury, Jean-Pierre Lebrun, Dany-Robert Dufour, Céline Masson, Caroline Eliacheff, Jacques-Alain Miller e tantos outros. Tal posicionamento, que vai na contramão da *intelligentsia* universitária e do *establishment*, é um oásis para aqueles que têm em grande estima a psicanálise, pois demonstra que ainda há teóricos sérios que não se curvam a desmandos de uma cultura *woke*.

Na construção da Psicanálise, Freud demonstrou que nunca se preocupou em agradar o *establishment*, aniquilando as suas descobertas e teorias para isso, somente para ganhar jantares pomposos nos centros universitários e concessões de bolsas governamentais para escrever e falar aquilo que o sistema quer ler e ouvir. Não! Freud manteve-se firme, mesmo pagando em alta conta, na luta contra o sistema. Imagino como ele não se sentiria sabendo que por muito menos estão vendendo a sua criação somente para saírem bonitos nas capas de revistas *cults*.

Se podemos tirar uma lição primorosa que Roudinesco nos deixa com sua mais nova obra seria aquela que ela sempre nos deixou em todas as outras: a importância de resgatar o valor da psicanálise e da criação freudiana e não a prostituirmos em troca de alguns vinténs de "glória" e tapinhas nas costas em congressos caríssimos.

### Referência Bibliográfica

Lopes, R. G. (mai. 2018 a out. 2018). Por que a psicanálise? *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 13(26), 171-177. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). Doi: 10.17852/1809-709x.2019v13n26p171-177.

**Citação/Citation:** Costa, J. S. L. da. (mai. 2023 a out. 2023). O eu soberano: Ensaio sobre as derivas identitárias. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 18(36), 162-168. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). **Doi:** 10.17852/1809-709x.2023v18n36p162-168.

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos

**Recebido/ Received:** 29/07/2023 / 07/29/2023.

**Aceito/ Accepted:** 05/09/2023 / 09/05/2023.

**Copyright:** © 2023. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.